

**“Namoradas ou Dançarinas?”:
etnografia das concepções sobre a diversidade sexual e de
gênero de artesãos de brinquedos de miriti no Pará,
Amazônia**

***Bruno Rodrigo Carvalho Domingues
Acadêmico de Ciências Sociais da UFPA
Bolsista de Iniciação Científica***

***Fabiano de Souza Gontijo
Programa de Pós-Graduação em Antropologia /UFPA***

***Flávio Bezerra Barros
Programa de Pós-Graduação em Antropologia /UFPA
Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas
/UFPA***

Resumo: Ao longo dos anos, artesãos amazônidas desenvolveram técnicas para esculpir na medula do pecíolo do miritizeiro (*Mauritia flexuosa*) ou, com o dizem, na “bucha” da palmeira. Essas formas de representações giram comumente em torno do universo do trabalho, das lendas e mitos, da religiosidade e do mundo rural, sempre marcadamente amazônicos. No município de Abaetetuba, no Pará, dada a diáspora que levou os artesãos ribeirinhos das ilhas para a cidade, percebe-se que algumas mudanças foram inseridas nas representações dos brinquedos, dentre elas as representações da diversidade sexual e de gênero.

Palavras-chave: brinquedo de miriti; diversidade sexual e de gênero; marcadores sociais da diferença; Amazônia.

**“Girlfriends or Dancers?”:
ethnography on the conceptions of gender and sexual
diversity among miriti toy craftsmen in Pará, Amazon
Brazil**

Abstract: Over the years, Amazonian craftsmen developed techniques to sculpt the medulla of the petiole of miritizeiro (*Mauritia flexuosa*) – called by them “bucha” of the palm tree. These forms of representations usually turn around the work, the legends and the myths, religiousness, the world in the rivers, all that markedly the Amazonian way of life. In the context of Abaetetuba, a town in the Brazilian State of Pará, given the diaspora that took the riverine craftsmen of the islands to a city, it is possible to see some changes in the representations of the toys, among them, the representations on gender and sexual diversity, which we will treat in this writing.

Keywords: miriti toys; gender and sexual diversity; social markers of difference; Brazilian Amazon.

**“¿Novias o Bailarinas?”:
etnografía de las concepciones sobre diversidad sexual y
de género de artesanos de juguetes de miriti en Pará,
Amazonia**

Resumen: A lo largo de los años, artesanos amazónicos desarrollaron técnicas para esculpir en la médula del peciolo de la palma de miriti (*Mauritia flexuosa*) – ó como dicen, en la “bucha” de la palmera. Esas formas de representaciones giran comúnmente en torno al universo de trabajo, de las leyendas y mitos, de la religiosidad o del mundo rural, siempre marcadamente amazónicos. En el contexto de Abaetetuba, una ciudad en el estado brasileño de Pará, dada la diáspora que llevó a los artesanos rivereños de las islas hacia la ciudad, se percibe que fueron introducidos cambios en las representaciones de los juguetes, entre ellas, las representaciones de la diversidad sexual y de género.

Palabras clave: juguetes de miriti; diversidad sexual y de género; marcadores sociales de la diferencia; Amazonia brasileña.

Primeiras aproximações...

No bioma que ocupa quase a metade do território brasileiro, a Amazônia, humanos e não humanos seguem ora em conflito, ora em harmonia. Os humanos desenvolveram, ao longo do seu processo evolutivo (de modo global), formas de representar o seu cotidiano, suas normas, suas relações sociais e seus sistemas simbólicos. Especialmente nesta parte do Brasil, o caboclo amazônico¹ há muito marca esses símbolos e relações através de expressões artísticas e/ou artesanais, tais como a cerâmica, a pintura, a escultura e também a arquitetura.

Exemplos de esculturas amazônicas são as representações nos brinquedos feitos da palmeira de miriti (Figura 1), cuja fabricação é muito comum na região do Baixo Rio Tocantins, mais precisamente no município de Abaetetuba, no Pará. Tais representações marcam o cotidiano local e retratam o universo do campo através da sociobiodiversidade, do trabalho, dos seres do imaginário popular e dos costumes locais, bem como o universo das cidades e as relações entre cidade e não-cidade.



Figura 1 - 1a) Representação de personagens midiáticos; 1b) Representação de casa feita como promessas para o Círio de Nazaré; 1c) Seu Jessé, artesão de brinquedo de miriti na feira do Círio de Nazaré, em Belém; 1d) Brinquedos sendo vendidos na procissão da trasladação do Círio de Nazaré; 1e) Dona Nina Abreu, artesã (fonte: domínio público); 1f) Processo de produção do brinquedo (fonte: Fagner Freires). In Domingues e Barros (no prelo).

As práticas dessa atividade foram registradas algumas, atentando-se comumente, contudo, aos planos econômico, botânico e educativo das práticas e principalmente observando-se os métodos e técnicas da produção do brinquedo, como se vê em Alencar e Lopes (2004), Santos e Coelho-Ferreira (2011; 2012), Santos (2012) e Silva e Carvalho (2012). Mas, no âmbito das relações sociais e principalmente no que diz respeito aos sujeitos sociais por trás (ou à frente) da produção do brinquedo, os pesquisadores citados não se propuseram à reflexão.

¹ Para uma boa discussão sobre o termo “caboclo”, veja o artigo de Rodrigues: “Se o caboclo não é uma categoria étnica, no sentido estrito do termo, é no jogo da diferença que ele é constituído, assim como os outros sujeitos/objetos antropológicos. Como uma diferença, a identidade cabocla é uma fronteira sempre em movimento – de expansão ou retração –, nunca igual a si mesma, sempre em transformação” (RODRIGUES, 2006).

Com a dissertação de mestrado de Ferreira Junior (2015), os resultados preliminares da pesquisa realizada no âmbito do Programa de Iniciação Científica por Nascimento (2015) e a etnografia de Ribeiro e Lobato (2015), passam a ser analisados alguns aspectos das relações sociais na produção do artesanato de brinquedo de miriti até então omitidos. Enquanto Nascimento (2015) e Ribeiro e Lobato (2015) tratam dos estudos de gênero, da divisão sexual do trabalho e da espacialização dos ateliês das associações, Ferreira Filho (2015) e Domingues et al. (2015) atentam para as relações sociais e o modo de vida dos artesãos em si, assim como para as transformações socioculturais na vida dos artesãos.

Durante a análise das representações sociais no brinquedo de miriti, um fato chamou a atenção de Ribeiro e Lobato (2015): as representações de casais a se beijar, casais montados a partir de padrões heteronormativos (Figura 2). As autoras apenas citaram tais brinquedos, sem adentrarem em uma discussão mais ampla acerca das representações dos beijos. Buscamos aqui contribuir para o entendimento das representações da diversidade sexual e de gênero no meio interiorano, já que, afinal, em contextos interioranos e em situações etnicamente diferenciadas a diversidade sexual e gênero parece ter sido invisibilizada nas pesquisas até então realizadas, como apontaram recentemente Gontijo e Erick (2015).

Em pesquisa de campo realizada nas feiras de artesanato de Belém, capital do Pará, percebemos que havia representações de casais compostos de pessoas aparentemente de mesmo sexo em esculturas de miriti, sendo estes casais unicamente femininos; nas feiras de Abaetetuba, cidade situada a duas horas de barco da capital, apenas as representações de casais compostos de pessoas aparentemente de sexos diferentes eram expostas. O fato despertou nosso interesse: por que essas representações somente ganham visibilidade na capital? Seriam essas representações expostas nas feiras da capital por serem alvo de fetiche sexual masculino e, por isso, seriam mais comumente aceitas? O que as artesãs e artesãos pensam acerca das sexualidades que desviam do padrão heteronormativo – que, segundo Rich (1983), é compulsório e não “natural”?

A partir das técnicas da etnografia (CLIFFORD, 1998), com observações em três edições do Miriti Fest² e da rotina dos artesãos e entrevistas junto a esses artesãos, buscamos as respostas para as questões elencadas.



Figura 2 - Representação heterossexual no brinquedo de Miriti. Foto: Domingues, Bruno. 2016.

² Festival do Miriti da Cidade de Abaetetuba, realizado anualmente no primeiro semestre.

Contextos interioranos e suas atividades tradicionais: o município de Abaetetuba e o artesanato de brinquedos de miriti

Situada a 124 km de distância da capital paraense³, Abaetetuba é uma cidade da chamada Amazônia Tocantina, com extensão territorial de 1.610,408 km², cujo nome, de origem tupi, significaria “lugar de homens e mulheres fortes e valentes”. Esses homens e mulheres valentes formavam, em 2010, segundo o IBGE (Censo de 2010), uma população de pouco mais de 141.100 habitantes que viviam majoritariamente do setor de serviços. Para além dos serviços, outras atividades econômicas de relevância incontestes para o município são a agricultura, a pesca e o extrativismo – em especial do miriti (*Mauritia flexuosa*) e do açai (*Euterpe oleracea*).

Uma atividade extinta no município é a produção de cachaça: Abaetetuba, no século XX, chegou a ser uma das maiores produtoras do Brasil, sendo até hoje conhecida como “terra da cachaça”, com diversos engenhos às margens dos rios e igarapés (SANTOS, 2012); hoje, resta apenas um, o engenho do Ribeiro⁴, pertencente a Dona Ribeiro⁵, artesã de brinquedos de miriti com 64 anos de idade, uma de nossas interlocutoras.

Os artesãos de brinquedos de miriti são em sua maioria do sexo masculino – ou, ao menos, os chefes das famílias de artesãos, pois tal produção se dá a partir de um núcleo criativo familiar; nesse contexto, as mulheres, em sua maioria, não se reconhecem enquanto artesãs (NASCIMENTO, 2015), pois associam este ofício ao corte (ato de esculpir) o brinquedo, e a elas cabe, na divisão sexual do trabalho, lixar ou pintar os brinquedos, embora existam mulheres que se afirmem enquanto artesãs por realizarem o corte e por pintarem, como é o caso de Dona Telma – que não se reconhecia enquanto artesã até 2015, quando participou de palestras promovidas pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, o SEBRAE, e após contato com as intervenções de Larissa Nascimento, citada acima, somente assim passou a se autorreconhecer enquanto artesã de pintura.

Dentre os artesãos, alguns nomes são admirados pelos moradores de Abaetetuba e pelos demais artesãos, como Dona Nina Abreu, Dona Pacheco, Seu Raimundo Diabinho e Seu Miranda, que colaboraram para a criação de muitos brinquedos novos ou vêm transformando a maneira de fazer – a “filosofia do fazer”. Destacamos aqui Dona Nina Abreu, a matriarca dos artesãos, responsável pela criação de vários brinquedos, dentre eles os casais de noivos que, embora não sejam os objetos de análise deste escrito, foram as primeiras referências de relações afetivas nos brinquedos, mesmo que sob a ótica heterossexual ou heteronormativa. Destacamos também Dona Pacheco e Seu Miranda, primeiros a representarem nos brinquedos os casais de namorados aos beijos, pioneiros também em representar a diversidade sexual nesses casais⁶.

A população de Abaetetuba carrega os traços do sujeito do campo, mas ao mesmo tempo, do sujeito urbano, ao passo que antes de ir para mais um dia

³ Distância de percurso rodoviário, em linha reta está a 52 km.

⁴ Nome fictício.

⁵ A partir daqui, utilizaremos pseudônimos para a referência aos sujeitos entrevistados.

⁶ Nesse parágrafo, usamos os nomes reais dos artesãos.

agitado nas lojas do centro da cidade, passam antes na “beira”⁷ para tomar o mingau de miriti, vendido todos os dias pelos mingauleiros⁸ da cidade, prática advinda das ilhas e demais ambientes do meio rural do município. É na “beira” também que os demais derivados do miriti são comercializados, o fruto in natura que vem em cestarias feitas com a tala⁹ do miritizeiro.

Neste ambiente, os atores sociais do miriti¹⁰ que transitam cotidianamente pelo espaço da beira e, principalmente, os que chegam mais cedo para trabalhar, vivenciam o que há de profano, sagrado e violento em Abaetetutba. Há relatos de preparação de cerimônias religiosas cristãs, de prostituição, de “homossexualismo” e de roubos, tudo antes do cantar do galo e esquecido ou negado durante o dia. Vejamos um relato revelador:

A gente chega aqui pelas 4h da manhã, e a gente vê cada coisa, professor. É reza, é despacho, as meninas se vendendo, é homem com homem queimando a rosca, é roubo, outro dia mesmo me roubaram, mas eu não venho com nada, né?! Mas eles [os criminosos] nem respeitam, passam a mão na gente, na nossa buceta, no nosso cu... Pra ver se a gente não tem nada mesmo... (Joana, uma mingauleira, entrevista realizada em maio de 2016).

Nesse sentido, conseguimos identificar as outras formas de expressão do sujeito em contexto interiorano, onde, embora as relações econômicas e ecológicas estejam fortemente presentes, não se está alheio a nenhum processo social, seja da violência trazida pelo aumento populacional, seja dos processos de sexualidade e de erotismo, nos remetendo às problematizações de Ferreira (2006) de que se cria um estereótipo, “uma identidade reacionária” de um “corpo-bíblico” do homem do campo (neste caso interiorano), quando estes não estão alheios ao prazer, ao sexo, à diversidade, aos processos sociais comumente associados ao contexto das grandes cidades.

Afinal, namorados ou dançarinos?

O primeiro contato que tivemos com os brinquedos que representam casais de pessoas do mesmo sexo se deu na feira de artesanato realizada durante o Círio de Nazaré, em Belém, em outubro de 2014 – o Círio é conhecido como a maior manifestação religiosa brasileira pelo volume de pessoas que participam. Nessa primeira visita, tratou-se de um brinquedo que representava um casal de mulheres. Num primeiro momento, não percebemos o casal, pois o brinquedo estava como que “escondido”, não tão exposto como os demais, tendo sido percebido somente nas fotos, para nossa surpresa, minutos depois de nossa saída da feira.

⁷ “Beira”, em Abaetetutba, é como é conhecida a feira livre às margens do Rio Marataúira, que deságua na grande baía formada pelo Rio Tocantins e demais rios da região à frente das ilhas.

⁸ Para saber mais sobre os/as mingauleiros/as, ver Barros e Silva (2013).

⁹ Tala é o nome comumente dado ao pecíolo.

¹⁰ Entende-se por esses sujeitos os mingauleiros, vendedores do fruto e da polpa e artesãos de brinquedos e de cestarias.

Curioso, Bruno Domingues (um dos autores deste texto) mostrou as fotos para membros do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Biodiversidade, Sociedade e Educação na Amazônia - BioSE, que identificaram ao fundo duas mulheres abraçadas e com os lábios encostados. Mas, as duas mulheres foram identificadas como “dançarinas”, pois, segundo algumas pessoas externas ao meio dos sujeitos dos brinquedos de miriti, as representações só poderiam retratar duas mulheres dançando em festividades rurais, algo muito comum quando os seus esposos não sabem, não querem dançar ou estão ausentes trabalhando na cidade. Mas, como entender o encostar dos lábios, como se pode ver na Figura 3? Não satisfeito, Bruno Domingues retornou à feira para encontrar mais brinquedos com representações semelhantes, numa tentativa em vão. Ao perguntar para os artesãos acerca do nome do brinquedo, porém, confirmou-se sua hipótese: trava-se de um casal de namorados. Foi então que, para além de compreender as transformações socioculturais e o papel emancipatório do brinquedo de miriti na vida dos sujeitos, o marcador de sexualidade também se transformou em um fator de atenção e análise.



Figura 3 - Casal de namoradas feitas da bucha do miriti aos beijos. Foto: Domingues, Bruno. 2015.

A partir desta percepção, ao fazermos um levantamento acerca destes brinquedos, não encontramos algo que relacionasse brinquedos de miriti e sexualidade. Somente com a publicação de Ribeiro e Lobato (2015) é que a diversidade sexual (ou melhor, a falta dela) no brinquedo de miriti foi levada em consideração. No entanto, como citado anteriormente, as autoras não aprofundaram a discussão a esse respeito, apenas para elas, “segundo os artesãos, apesar de não discriminarem ninguém, o brinquedo pede um casal heterossexual”. A partir desta afirmação e da análise do discurso que identifica ora namorados/as, ora dançarinos/as, podemos admitir que, dada a definição do padrão heteronormativo, ter duas mulheres enquanto dançarinas é uma maneira de invisibilizar os pertencimentos baseados na homossexualidade e de afirmar as diferenças numa perspectiva de uma relação de poder (FOUCAULT, 2015), onde o padrão hegemônico se afirma a fim de manter-se na hegemonia e marginalizar as demais formas identitárias.

“Eu amo muito eles, aí quis fazer o brinquedo deles”: onde tudo começou...

Afinal, em que contexto nascem as representações de casais de pessoas do mesmo sexo nos brinquedos de miriti de Abaetetuba? Segundo Dona Ribeiro:

Mano, eu fazia os brinquedos de homem com homem e mulher com mulher, porque tu sabes que tem homem que ele não sente atração pela mulher, não gosta, assim como tem a mulher que não gosta do homem. Aí, isso é pecado, meu filho? Não, isso é amor! E o que é que eu posso fazer se eles não gostam? Eu vou forçar? Não vou... Daí eu tenho dois amigos que são assim... Tu sabes, né? Homem que gosta de homem, e eu amo muito eles, eles me tratam como uma mãe e eu trato eles como filhos, é a Daniele, que na verdade o nome dele era Sérgio antes, e a Monalisa, que

eu não sei o nome antigo, nunca perguntei... Por eu sentir tanto carinho por eles eu fazia os brinquedos, mas não vendia, só deixava em casa mesmo. (Dona Ribeiro, 64 anos, artesã, entrevista realizada em maio de 2016).

Segundo Dona Ribeiro, os brinquedos surgiram como uma forma de retribuir o carinho, admiração e respeito que as pessoas que a circundam e que não obedecem ao padrão heteronormativo compulsório têm pela artesã, embora as peças não sejam comercializadas, pela razão seguinte:

Aqui as pessoas ainda são muito preconceituosas, em todo lugar, mas aqui tem muito, até os artesãos, aí eu tinha medo de colocar pra vender, na verdade, a gente ainda tem... (Dona Ribeiro, 64 anos, artesã, entrevista realizada em maio de 2016).

Neste sentido, podemos analisar o impedimento de comercialização das peças à luz da lógica da censura (FOUCAULT, 2015): a interlocutora faz alusão ao preconceito exógeno e socialmente construído e afirma a não permissão da exposição, não fala publicamente sobre a existência das peças e nega a sua existência, exceto quando as peças são solicitadas.

Outro fato que impulsionou a fabricação dos brinquedos foi a sua presença na Universidade Federal do Pará, levados por Dona Ribeiro e um discente:

Um estudante lá da UFPA veio aqui conversar comigo, daí eu levei ele no ateliê¹¹ pra mostrar os brinquedos, aí ele viu um casal de homem com homem, e disse 'Dona Ribeiro, a senhora quer ir comigo na universidade pra apresentar o trabalho junto comigo?' e eu disse 'quero, mas como eu vou conseguir levar os brinquedos?', ele disse que ia me buscar em casa, eu esperei e na hora que ele chegou a gente foi separar os brinquedos e ele disse que queria que eu levasse alguns casais de homem com homem e mulher com mulher, eu disse 'mas não vai dar problema? Não vão te chamar na direção e brigar' e ele disse 'vão nada, o pessoal vai é gostar'. Chegando lá foi um sucesso. (Dona Ribeiro, 64 anos, artesã, entrevista realizada em maio de 2016).

Outros artesãos pioneiros na produção desse brinquedo é o casal formado por Seu Barroso e Dona Telma, que começaram a fazer o brinquedo em Belém, comercializado em uma barraca na Praça da República, local frequentado por pessoas diversas e onde ocorre anualmente a Festa da Chiquita¹², festa voltada para o público de gays, lésbicas, travestis e transexuais que acontece durante o Círio de Nazaré.

Numa primeira abordagem sobre a temática com Dona Telma, perguntamos se ela também comercializava os “namorados gays”. A pergunta causou estranhamento inicial. Afinal, durante a convivência nos espaços dos artesãos e artesãs as conversas ainda não tinham mudado de direcionamento, focando as memórias, histórias de vida, etnoeconomia e etnoecologia (para uma outra pesquisa em andamento). Mas, respondeu:

A gente faz, mas só vendemos na nossa barraca na Praça da República, em Belém, aqui no Miriti Fest não tem, só se eu for buscar em casa. (Dona Telma, artesã, 54 anos, entrevista realizada em maio de 2016).

Novamente, as representações somente são exibidas fora do contexto de Abaetetuba. Para entender melhor, perguntamos acerca do primeiro brinquedo feito a partir da temática homossexual e o porquê de eles não serem comercializados ali, e como resposta, obtivemos:

Foi normal, a gente estava na Praça, lá na nossa barraca, daí eles chegaram e perguntaram “por que não tem homem com homem?”, respondi que porque

¹¹ Os ateliês “se configuram em espaços das próprias casas (um terraço, uma casinha separada, um quarto, uma barraca no quintal, podem se caracterizar como ateliês)” (DOMINGUES e BARROS, no prelo).

¹² A respeito da Festa da Chiquita, ver Silva Filho (2014).

ninguém tinha procurado, mas se quisesse eu faria, porque a gente leva os bonecos soltos, na hora é só abraçar... Então pediram, o Seu Barroso pegou os bonecos e abraçou. Pronto, tudo normal. (Dona Telma, artesã, 54 anos, entrevista realizada em maio de 2016).

Percebemos, portanto, que existem dois marcadores para o início do processo de produção destes brinquedos em especial: um ligado a sentimentos e relacionamentos de amizade entre a artesã e pessoas com gêneros e/ou sexualidades não heteronormativas (a artesã oferece os brinquedos a pessoas queridas e, assim, cria a demanda), por um lado e, por outro, um ligado a fatores econômicos e mercadológicos justificado com a assertiva “porque ninguém perguntou, mas se quiser eu faço”, o que demonstra o interesse em atender às demandas do cliente. O segundo aspecto fica claro no discurso de Inácio, outro artesão:

Cada pessoa é livre, a gente está aí pra agradar o público e se tem uma tendência, a gente está aí pra agradar essa tendência também. (Inácio, artesão, entrevista realizada em maio de 2016).

Sobre a relação entre oferta e demanda com base no brinquedo de miriti, Domingues e Barros (2015) destacaram as transformações nas representações, ainda que sem fazer os devidos recortes de sexualidade e gênero (pois até o momento não haviam percebido com maior acuidade a importância desses marcadores). Os autores perceberam que os artesãos estão sempre se atualizando, fazendo seus brinquedos de acordo com desenhos animados novos, programas de televisão e demais ícones midiáticos; e, com a fabricação dos casais compostos por pessoas do mesmo sexo, mostram que também acompanham os processos sociais mais amplos, como este que tange às reivindicações pelo reconhecimento das uniões de pessoas do mesmo sexo, onde os “pânicos morais” que, para Miskolci (2007), “emergem a partir do medo social com relação às mudanças, especialmente as percebidas como repentinas e, talvez por isso mesmo, ameaçadoras”, são encarados de modo a respeitar as diferenças, seja por afinidade, seja por haver uma relação comercial.

“Não é da tradição, o povo não está acostumado a ver; então, não exponho, mas não é preconceito”: padrões normativos, repressão e resistência em Abaetetuba

No Brasil, bem como em diversas sociedades, a construção social de padrões normativos estabelece os tipos hegemônicos e os subalternos ou abjetos, como propõe Butler:

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. (BUTLER, 2000).

Essa normatividade se constituiu em um padrão branco e heterossexual e moldou e ainda molda os modos de vida hegemônicos brasileiros. A partir do final do século XX e nesse início de século XXI, a hegemonia passa a ser fortemente contestada com a emergência das teorias críticas (pós-estruturalistas e/ou pós-modernas) no que tange às sexualidades através dos estudos queer (Louro, 2004; Miskolci, 2014; Pelúcio, 2014).

É importante ressaltar que as resistências ao padrão somente ganharam força maior com a redemocratização do país e após o pânico moral causado pela AIDS. Foram mais de vinte anos de repressão aos movimentos sociais que lutavam pela desconstrução dos preconceitos, culminando, nos anos 1980, com a irrupção da AIDS no cenário mundial. Segundo Perlongher (1987a), “os usos alternativos dos corpos, sobretudo coito anal, estão no alvo das operações médico-jornalísticas desencadeadas pela AIDS”, e por conseguinte a ciência, sobretudo a ciência médica, volta suas pesquisas para a homossexualidade, não numa perspectiva de entendê-la, mas patologizá-la: “a AIDS foi mais que uma epidemia, foi uma queima de arquivo. Matou conhecimentos que estavam sendo gestados pelas travas, pelos viados, pelos esquerdistas, pelos artistas marginais. Ficou um vazio.” (WONDER apud PELÚCIO, 2014)

Este distanciamento das lutas sociais causado pelos fatores citados fez com que os padrões normativos se reforçassem e que a luta contra estes, a partir do novo século se tornasse bastante árdua, e o não reconhecimento das identidades fosse justificado pela assertiva do tipo de “antes não tinha essas coisas” ou como um dos nossos interlocutores diz “agora os homens estão dando de andar junto”.

Embora tenhamos dito anteriormente que as diferenças são respeitadas, no âmbito do nosso universo de pesquisa junto a artesãos de Abaetetuba, percebe-se que para grande parte dos artesãos a diversidade sexual e de gênero só existiria no universo das grandes cidades, pois somente lá elas são representadas. Assim, em Abaetetuba, prevaleceriam o medo e a invisibilidade dessas representações. Vejamos alguns comentários de artesãos:

Eu não vejo problema nos brinquedos dos namorados gays, mas não faço. (Alberto, 24 anos, artesão e filho de artesão, entrevista realizada em maio de 2016).

Só faço homem e mulher, por causa de que não tem um porquê, eu acho que fica mais bonito o homem com a mulher, mas pode ser que um dia eu faça, porque agora os homens estão dando de andar junto, né? (Zé Mário, artesão, entrevista realizada em maio de 2016).

Eu não, até faço quando vou para Belém, mas aqui eu não exponho, nem o casal gay, nem o negro... Pode ver como não tem brinquedo negro e nem gay aqui no Miriti fest porque não é, não é da tradição, então eu não exponho, mas não é preconceito, se pedir eu faço. (Anjinho, artesão, entrevista realizada em maio de 2016).

Pra te falar a verdade, eu acho que a gente não coloca pra vender aqui por medo das pessoas, vai que alguém briga com a gente, deixa de comprar... Mas foi até bom tu tocar nesse assunto, vou mandar o menino trazer os teus e vou deixar uns pendurados aqui, bora fazer o teste. (Dona Telma, Artesã, entrevista realizada em maio de 2016).

Partindo de uma “analítica da normalização”, como sugere Miskolci (2009), podemos perceber que as relações entre compradores e artesãos se dão a partir de gostos pré-definidos, onde aquele que possui poder aquisitivo de compra submete o brinquedo às suas vontades, fazendo-nos lembrar o que Miskolci (2012) diz sobre o fato de que os padrões sociais foram moldados de acordo com os desejos elitistas da branquitude. Neste contexto, podemos afirmar que a não produção do brinquedo nas representações já descritas aqui está intimamente ligada a privilégios brancos e heterossexuais.

Durante nossas visitas ao Miriti Fest, percebemos também que artesãos e comunidade estabelecem espécies de “guetos” homossexuais (PERLONGHER, 1987b), não concebendo, portanto, a ideia de que estes sujeitos abjetos se

relacionem publicamente, como podemos identificar nos próximos trechos de entrevistas:

Eu penso assim, não é que eu tenha preconceito, a gente até faz esses brinquedos aqui, mas eu acho que esses casais se beijando em público é falta de respeito, eu não gostaria de ver, acho que tem que ficar entre quatro paredes. (Bento, filho de um artesão, 19 anos, entrevista realizada em maio de 2016).

Também acho que é falta de respeito, tem que ficar lá no canto deles. (Augusto, consumidor do Miriti Fest, entrevista realizada em maio de 2016).

Percebe-se aqui o que Perlongher (1987b) identificou como “isolamento social” em sua caracterização do que seria o “gueto” de homossexuais. Em outra análise, pudemos observar a surpresa dos sujeitos quando a quebra da normatividade não acarreta em danos ou polêmicas:

[Quando eu fui à universidade] todo mundo gostou dos bonecos, tive que montar mais na hora pra vender, as sapatonas viam o brinquedo e falavam ‘olha amor, a gente’, os gays a mesma coisa, e eu fui achando que iam brigar com o menino e comigo, mas não aconteceu nada disso, só aqui em Abaetetuba que é difícil eu expor os bonecos, mas de vez em quando eu trago eles e deixo aqui, se quiserem brigar que briguem. (Dona Ribeiro, 64 anos, artesã, entrevista realizada em maio de 2016 – grifo nosso).

Nesse sentido, podemos observar o cumprimento de uma lógica de negociação dada a normatividade socialmente construída, uma vez que Dona Ribeiro receava ser agredida ou que o aluno fosse igualmente hostilizado, por estar com uma representação homossexual, embora o ambiente diversificado da academia e de uma universidade localizada na capital do Estado permitisse que tal feito não ocorresse.

Desconstrução de preconceitos e esperança por dias melhores: o protagonismo de Dona Ribeiro

Uma das primeiras mulheres a se afirmar enquanto artesã em Abaetetuba, Dona Ribeiro sempre procurou estar à frente de seu tempo, como se percebe em sua trajetória enquanto mulher e artesã de brinquedos de miriti e também fabricante de licores.

Iniciou os trabalhos de artesã quando, em uma noite, se deu conta de que a praça estava cheia de brinquedos feitos unicamente por homens. Foi então que se perguntou “por que não eu?” Comprou uma bucha de miriti, levou para casa e aprendeu sozinha o ofício. Deixou os trabalhos que não a faziam feliz – o de lavadeira e o de outros ofícios que demandavam força braçal e rendiam pouco dinheiro. Passou a viver dos brinquedos e dos licores. Criou, sustentou, educou filhos e netos, tudo com o dinheiro que vinha do miriti e seus derivados, em especial os brinquedos. Afirma-se enquanto uma mulher que possui total autonomia dos seus atos.

O povo pergunta pro meu marido se ele tem ciúmes de mim. Não sei do quê, eu sou artesã, esse é o meu trabalho, e eu tenho todo o carinho do mundo com meus clientes e nem por isso deixo de amar meu marido. Sou artesã, catequista, dou oficinas sobre o brinquedo numa escola, bebo minha cerveja, faço meus licores e vivo minha vida. (Dona Ribeiro artesã, entrevista realizada em maio de 2016).

Dona Ribeiro, reconhecendo que o preconceito existe, clama para que se resista. Em uma das conversas, quando ela nos falava das situações racistas que

já presenciou por parte dos seus amigos brancos (sendo ela também branca), disse:

Não entendo tanto racismo, não entendo tanto preconceito, eu amo as pessoas; a padroeira do nosso País é negra; meus melhores amigos são homens que vivem com outros homens; eu amo minha santinha, amo meus amigos; por que é tão difícil as pessoas amarem também? Sabe, meu filho, depois do que aconteceu na universidade, eu resolvi que eu vou continuar fazendo os casais de homens e de mulheres se beijando, porque essa é a minha forma de mostrar para as pessoas que eles são normais, como eu, como todo mundo, que não tem nada de errado! Eu nasci amando as pessoas, e eu vou morrer amando as pessoas! (Dona Ribeiro, artesã, entrevista realizada em maio de 2016).

As representações de casais compostos por pessoas do mesmo sexo nos brinquedos de miriti possuem, portanto, relevância inconteste nos processos de reflexão sobre a ruptura com os padrões e de desconstrução de preconceitos, uma vez que, como dito anteriormente, por muito tempo a hegemonia heteronormativa prevaleceu – e prevalece, mesmo com a resistência do movimento LGBT. Contudo, dado o impacto sociocultural que tal hegemonia causou na sociedade brasileira, ter estas representações como forma de transformar em símbolos (GEERTZ, 1987) os processos das culturas identitárias homossexuais (GONTIJO, 2009) parece importante para a redução da intolerância ou, como Dona Ribeiro diz, “para mostrar que não tem nada de errado”.

É sabido da importância econômica, cultural e social da fabricação e da comercialização dos brinquedos para os artesãos, mas também deve-se destacar aqui a importância sociocultural e educativa para a comunidade, pois os brinquedos, no sentido estudado aqui, possuem forte carga política e emancipatória.

Enfim, embora algumas falas de artesãos pareçam reproduzir preconceitos, não podemos chegar à conclusão de que se trata de pessoas preconceituosas. Devido a questões como o acesso à informação e à educação formal, podemos afirmar apenas que a hegemonia cega e, em outros moldes coloniza e impõe os seus padrões (QUIJANO, 2000), interferindo no modo de vida e na maneira como um sujeito enxerga o outro.

Podemos afirmar aqui também que, embora não haja com vigor a exposição dessas peças em Abaetetuba, mudanças parecem estar em andamento. No ano de 2015, por exemplo, essas peças estavam sendo vendidas no Círio de Nazaré, em Belém, e não somente nos momentos “profanos” da grande festa, mas também nos momentos “sagrados” – e isso, sem represálias aparentes. Outro fator de mudança social pode ser percebido pela presença de brinquedos, inclusive entre os artesãos que seguem as diversas formas de cristianismo protestante – muitas vezes, alguns desses artesãos se recusam a fazer representações católicas, mas nenhum se recusou a fazer as representações de casais compostos de pessoas do mesmo sexo, sempre reproduzindo discursivamente o preceito segundo o qual “cada um tem que seguir a sua vida e ser feliz”.

Durante a realização dessa pesquisa, o primeiro autor, Bruno Domingues, tentava adquirir os brinquedos que representavam casais de pessoas do mesmo sexo para ver a reação dos artesãos com o pedido (Figura 4). Foi obtida somente uma reação negativa, as demais tendo-se configurado por surpresa ou com normalidade. Assim, percebe-se como os padrões hegemônicos de normalidade (BUTLER, 2000) são (re)interpretados e experimentados (às avessas, talvez) em contextos culturais situados nas franjas dos grandes centros de irradiação

desses padrões, o que traz à tona outras concepções, outras performances e outras maneiras de ser e estar num mundo em constante transformação. Reforça-se, assim, o entendimento de que, no Brasil, tanto os estudos sobre sexualidade e/ou gênero, por um lado, como os estudos sobre realidades de pequenas cidades interioranas e áreas rurais, por outro, silenciaram as experiências, concepções e representações acerca da diversidade sexual nesses contextos por acreditarem que ali se reproduziam tal qual os estereótipos e padrões urbanos sem grandes questionamentos. É chegada a hora de textualizar as polifonias discursivas oriundas dessas outras experiências, concepções e representações, rompendo, assim, com certas formas de colonização interna tão comuns ainda nas ciências sociais brasileiras (GONTIJO e ERICK, 2015).



Figura 4 – Diversidade sexual no Brinquedo de Miriti. Foto: Bruno Domingues, 2016.

Agradecimentos

Com apreço, agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelas bolsas concedidas aos autores (PIBIC ao primeiro autor e produtividade em pesquisa aos demais) e às artesãs e artesãos da Associação dos Artesãos de Brinquedo de Miriti de Abaetetuba – ASAMAB, em especial à Dona Pacheco e Dona Teca e a Seu Miranda, Ivan, Zé Maria e Santinho.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, J. R. S; LOPES, J. L. M. Elementos Físicos e Culturais do Brinquedo e do Miriti. *Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Física*, IX, 2004.

BARROS, F. B., SILVA, D. Os Mingauleiros de Miriti: trabalho, sociabilidade e consumo na beira de Abaetetuba, Pará. *Revista FSA*, v. 10, n. 4, 2013, p. 44-66.

BUTLER, J. *Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, G. L. (org.). *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-168.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1998.

DOMINGUES, B. R. C., SOUSA, F. F., BARROS, F. B. Memórias e diásporas dos artesãos de brinquedo de miriti na Amazônia. *Anais da 67ª Reunião da SBPC*. São Carlos, 2015.

DOMINGUES, B. R. C., BARROS, F. B. “Eu Amo Esse Brinquedo!”: reflexões sobre o artesanato de Miriti a partir de uma abordagem etnoeconômica em Abaetetuba (Pará). *Revista Margens - Interdisciplinar*, Abaetetuba. No prelo.

_____, _____. A Produção Artesanal de Brinquedo de miriti e suas transformações frente às exigências de mercado. *Cadernos de Agroecologia*, v. 10, n. 3, 2015, p.

FERREIRA JÚNIOR, A. *Entalhadores do Efêmero: a vida associativa na criação dos Brinquedos de Miriti de Abaetetuba*. 2015. 198p. Dissertação de Mestrado, Planejamento do Desenvolvimento, UFPA, 2015.

FERREIRA, P. R. *Os Afectos Mal-Ditos: o indizível das sociedades camponesas*. Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, UnB, 2006.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade. 1: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

GONTIJO, F. *O Rei Momo e o Arco-Íris*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

GONTIJO, F, ERICK, I. Diversidade Sexual e de Gênero, Ruralidade, Interioridade e Etnicidade no Brasil: Ausências, Silenciamentos e... Exortações. *ACENO*, v. 2, n. 4, 2015, p. 24-40.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Censo 2010*. 2010. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/> Acessado em 28 de maio de 2016.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004

MISKOLCI, R. *O Desejo da Nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume Editora/FAPESP, 2012.

_____. Pânicos Morais e Controle Social – reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu*, n. 28, 2007, p. 101-128.

_____. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, v. 11, n. 21, 2009, p. 150-182.

_____. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre Teoria Queer. *Revista Florestan Fernandes. Dossiê Teoria Queer*, v. 1, n. 2, 2014, p. 8-25.

NASCIMENTO, L. T. L. Mãos que Pintam a Arte: uma reflexão sobre a subjetivação e o significado do valor do trabalho das artesãs dos brinquedos de miriti de Abaetetuba/PA. *IV Seminário Enlaçando Sexualidades: Moralidades, Famílias e Fecundidade*, Salvador, 2015.

PELÚCIO, L. Traduções e Torções ou: o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? *Revista Acadêmica Periodicus*, v. 1, n. 1, 2014, p. 68-91.

PERLONGHER, N. *O que é aids?* São Paulo, Brasiliense, 1987a.

_____. *O Negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987b.

QUIJANO, A. Colonialidad del Poder y Clasificación Social. *Journal of World-Systems Research*, v. 11, n. 2, 2000, p. 342-386.

RICH, A. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Experience. In: SNITOW, A.; STANSEL, C.; THOMPSON, S. (orgs.). *Powers of Desire – The Politics of Sexuality*. Nova York: Monthly Review Press, 1983, p. 177-215.

RIBEIRO, R.; LOBATO, L. S. Gênero, Sexualidade e Currículo nos Ateliês de Produção do Brinquedo de Miriti. *6º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 3º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, anais do seminário*, Canoas, 2015.

RODRIGUES, C. I. Caboclo na Amazônia: a identidade na diferença. *Novos Cadernos NAEA*, v. 9, n. 1, 2006, p. 119-130.

SANTOS, I. N. L. *Matemática e Cultura Amazônica – representações do brinquedo de miriti*. Dissertação de Mestrado, Educação em Ciências e Matemática, UFPA, 2012.

SANTOS, R. S.; COELHO-FERREIRA, M. Artefatos de Miriti (*Mauritia flexuosa* L.f.) em Abaetetuba, Pará: da produção à comercialização. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 6, n. 3, 2011, p. 559-571.

_____. Estudo Etnobotânico de *Mauritia Flexuosa* L.f. (Arecaceae) em Comunidades Ribeirinhas do Município de Abaetetuba, Pará, Brasil. *Acta Amazonica*, Manaus, v. 42, n. 1, 2012, p. 1-10.

SILVA, C. S. Q.; CARVALHO, N. C. A cultura e a educação amazônica na arte dos brinquedos de miriti. *Eccos Revista Científica*, São Paulo, n. 27, 2012, p. 17-32.

SILVA FILHO, M. R. “Eu Sou a Filha da Chiquita Bacana...” notas antropológicas sobre a Festa da Chiquita em Belém do Pará. *Gênero na Amazônia*, n. 6, 2014, p. 183-212.